

## IMAGENS TOPOFÍLICAS DA FLORESTA: UM ESTUDO DA PERCEPÇÃO E VALORES DO AMBIENTE NATURAL

Camila Alessandra DOMINGUES<sup>(1)</sup> Maria Inês Gasparetto HIGUCHI<sup>(2)</sup>

<sup>(1)</sup> Bolsista CNPq/PIBIC; <sup>(2)</sup> Pesquisadora do NPCHS INPA/GPEA

A Amazônia possui um domínio florestal de grande importância ambiental e também sócio-econômica-cultural como contribuição à manutenção dos valores e diversidade cultural e conhecimentos das populações indígenas e locais, contribuição à ciência e recreação. Entretanto, percebe-se enquanto as sociedades se desenvolvem e evoluem tecnologicamente e a densidade populacional aumenta, decresce o espaço real e simbólico dado às florestas. Os valores mais significativos passam a ser aqueles que refletem a tecnologia e avanços relativos ao progresso cumulativo de bens. O estudo da relação da pessoa com seu ambiente não pode ser concebido independentemente de sua percepção. É a partir da percepção, isto é, como as pessoas percebem e interagem com o meio ambiente, em função dos aspectos históricos e socioculturais, que podemos avaliar as necessidades, interesses e expectativas da população e assim contribuir, em última instância, no fornecimento de subsídios para propostas de desenvolvimento socioeconômico. Este estudo mostra as percepções que 68 universitários das diversas áreas do conhecimento da rede pública e privada possuem sobre diferentes paisagens florestais. Constatou-se que a percepção dos entrevistados variavam conforme o tipo de paisagem vislumbrada.. De forma geral há uma grande sensibilização à questão da preservação e conservação da floresta. Por outro lado observou-se que há uma incoerência perceptiva, pois os valores relativos à comercialização e uso dos recursos aparece como uma alternativa inevitável. É justamente nesse embate de percepções que os universitários parecem conviver. Isso pode ser exemplificado nos seguintes relatos: *“Significa lucro, pois é um patrimônio, há valor para tudo e a floresta desperta diferentes interesses em pessoas diferentes, em mim desperta oportunidade de renda”*; *“Serve para os animais, para os insetos, sem contar com a fauna e a flora que deve ser muita rica aí dentro”*. Constatou-se ainda que as percepções relativas ao uso dos recursos naturais passam a ser mais contundentes a partir do momento em que as paisagens mostram pequenas modificações do seu estado considerado “natural” ou “virgem”. Essas percepções alertam para o fato de que pequenos impactos devem ser considerados ameaçadores pois eles são um ponto base que permitem outras ações que determinariam grandes impactos. Na medida em que foram apresentadas imagens de paisagens com impactos diferenciados, os usos foram se tornando mais intensos,

onde o aspecto econômico se sobrepõe ao biológico e cultural. Essa percepção se manifesta como uma isenção de responsabilidade, atribuindo a culpa aos “outros” e que diante daquela ação nada há o que fazer, a não ser tirar proveito, como se não houvesse alternativa de recomposição ambiental “*Não faria nada aí, pois se já tudo devastado, não tem valor ecológico, se eu fizer alguma coisa aí então... aí é que não vai prestar para mais nada mesmo!*”; Em contraposição, numa paisagem ainda intocada as percepções se tornam diferenciadas e envolvem responsabilidades pessoais, ainda que nenhuma ação concreta fosse tomada. “... *aqui tem valor, então eu não admitiria que fizesse nada aqui*”. Conclui-se nesse estudo que, de forma geral, os estudantes universitários percebem as paisagens florestais como espaço de valor real e simbólico. Entretanto, diante de qualquer intervenção, até mesmo um impacto natural, é entendido como sendo uma porta de entrada para outras atividades sociais, deslocando assim o eixo da preservação e conservação biológica para o uso dos recursos e produtos florestais nas atividades humanas consideradas inevitáveis. E nessa trajetória, os universitários parecem falar de cenários distantes de sua própria vida, como se isso acontecesse independente de sua vontade ou responsabilidade. Os resultados aqui colocados não esgotam as nuances estudadas, mas indicam necessidades de mais estudos relativos às percepções ambientais, as quais podem ser um elemento importante no entendimento das relações humano/ambientais.

Del Rio, Vicente e Oliveira, Livia (org). 1999. *Percepção Ambiental: A experiência Brasileira*. São Carlos:Studio Nobel e Editora da UFSCar, 1999.

Higuchi, M.. I. G. 2002 *Psicologia Ambiental: Uma introdução às definições, histórico e campos de estudo e pesquisa*. Cadernos Universitários. Canoas:ULBRA..

Tuan, Yi-Fu, 1980. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo/Rio de Janeiro:DIFEL